

lado da opressão e ao lado de reivindicações libertárias ou pelo menos democráticas. Que quer isto dizer no fim das contas? Quer dizer uma coisa muito simples: as instituições militares, com o Exército em destaque, estão profundamente inseridas na sociedade brasileira e por isso acompanham o desenvolvimento de suas contradições. Eles não são especificamente, determinadamente democratas ou opressores; acompanham as circunstân-

cias históricas, tão simplesmente. É tal verdade elementar que está esquecida, sistematicamente, pelos que se vêm ocupando do seu estudo. Ainda bem que aparece, agora, João Quartim de Moraes para colocar com clareza o que os militares representaram e representam no Brasil. O segundo volume desse ensaio excelente é fonte básica para a compreensão do assunto. Chegou em boa hora.

MARCELO RIDENTI

O fantasma da revolução brasileira, São Paulo, Unesp/Fapesp, 1993, 285 pp.

João Roberto Martins Filho (Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos)

O livro de Marcelo Ridenti é o primeiro balanço estritamente sociológico da trágica e heróica experiência da luta armada contra a ditadura. Alinha-se aos poucos trabalhos que, de uma perspectiva de esquerda, expressaram a preocupação de jovens pesquisadores dos anos 80 com eventos que eles apenas vislumbraram com o canto dos olhos na adolescência. Sua feitura deu-se, assim, na intersecção entre a curiosidade de uma geração que não participou dos fatos e a persistência ainda viva da memória dos participantes, acessíveis ao pesquisador que mantém com eles relações visivelmente respeitadas e compassivas.

Nesse sentido, o livro de Ridenti é filho de prole reduzida. Elaborado e redigido enquanto muitos dos fantasmas ainda viviam, talvez encerre um ciclo. Nesses limites conjunturais da prática teórica, encontram-se, a meu ver, suas qualidades e seus limites.

Deixando de lado as coletâneas de depoimentos, os textos de ficção e as reportagens biográficas, os principais balanços da trajetória da esquerda armada brasileira dos anos 68-73 eram até aqui da lavra dos próprios militantes. A obra pioneira foi publicada no exílio, em 1971: *Dictatorship and*

armed struggle in Brazil, de João Quartim. Bastante tempo depois, surgiram *Combate nas trevas* (1987), de Jacob Gorender, e a tese de Daniel Aarão Reis, *A revolução faltou ao encontro* (1990). Aí conviviam o conhecimento íntimo da esquerda da época - típico de líderes destacados de organizações como a VPR, o PCB e o MR8 - com o acerto de contas de ex-militantes com sua experiência passada (ainda sob o rumor dos tiros, no caso de Quartim).

Esse traço permitiu que, ao ganhar suas primeiras resenhas na grande imprensa, *O fantasma da revolução brasileira* tenha granjeado amplos elogios por ser filho da geração desarmada. Resistindo ao canto da sereia, tomarei como problema o que esses textos tomaram como ponto pacífico. Antes, porém, a bem da verdade, convém ressaltar que o próprio autor procurou visivelmente construir uma ponte entre sua geração e a dos militantes que analisa. Feita a ressalva, qual a originalidade e a contribuição efetivas do livro de Ridenti?

Quanto a suas fontes, *O fantasma da revolução brasileira* nutriu-se basicamente de três mananciais: a literatura existente (das análises gerais ao acervo de depoimentos escritos), lon-

gas entrevistas com os sobreviventes e dados extraídos dos processos judiciais que constam do arquivo do projeto "Brasil nunca mais". Quanto ao enfoque, o subtítulo da tese que deu origem ao livro "raízes sociais das esquerdas armadas" - expõe sua preocupação de explicar *sociologicamente* as opções políticas - estratégicas e táticas - de alguns milhares de militantes por meio da referência aos processos gerais da sociedade brasileira.

Na rica e detalhada reflexão extraída dos depoimentos que leu ou colheu, Ridenti faz uma leitura da experiência armada necessariamente diferente, por exemplo, da de autores como Gorender. Aqui, ele se afasta da "sociologia" e procura auscultar e escutar aspectos da experiência armada que elevam seu texto, em certos momentos, a um nível quase literário. Entre esses pólos, a meu ver, caminha o livro.

Começamos pelo primeiro. A preocupação de fazer uma obra de investigação sociológica perpassa todo o trabalho de Ridenti: na pormenorizada análise estatística dos dados do "Brasil nunca mais", na tentativa de vincular a opção pela luta armada ao contexto social e político ou ao "clima da época" e, por fim, na própria busca de legitimação por meio da citação recorrente de autores, conceitos e obras da Sociologia clássica.

No que tange às estatísticas, em oito quadros, o livro analisa cifras sobre ocupação, grau de instrução, faixa etária, sexo, naturalidade e local de residência dos militantes, tal como constam nos processos judiciais que sofreram. Num trabalho extenuante, Ridenti nos traz números a comprovar a predominância de militantes de classe média intelectualizada (57,78%) e a grande presença de combatentes estudantis (30,7% dos processados na luta armada). Mostra também como é grande o nível de escolaridade dos militantes (p. 122) e sua concentração

na faixa etária de 25 a 35 anos (85,9% dos casos!). Todos esses dados são novos e fundamentais, e a riqueza estatística do trabalho certamente não se esgota neles.

Contudo, na arquitetura do trabalho, muitas vezes não fica clara ao leitor a vinculação entre as conclusões fundadas nas estatísticas e o raciocínio geral do livro, a saber, a determinação da opção armada pelo clima político (dissidências na esquerda) e pelo clima cultural da época (hegemonia das manifestações culturais contestadoras e simpáticas à violência dos oprimidos). Além disso, para dar apenas um exemplo, parece pouco convincente explicar em números o peso decisivo que tiveram os poucos ex-militares nas práticas, na visão de mundo e mesmo na dinâmica geral da luta armada brasileira do início dos anos 70.

Feitas as contas, a maior contribuição de *O fantasma da revolução brasileira* parece estar, afinal, na sensível incursão de Ridenti por aspectos até aqui desconsiderados da experiência daquela geração de militantes. O livro efetivamente deixa falar os sobreviventes, ouve sua voz com atenção e procura encontrar os laços existentes entre os depoimentos e perscrutar aspectos sutis (o lugar da mulher nas organizações, a questão do medo e as visões da morte, o impacto das primeiras percepções da derrota, a generosidade da disposição revolucionária, a dignidade com que os militantes avaliam o passado e, enfim, as motivações íntimas do mergulho na ousadia armada).

Ressalvados seus limites e destacadas suas qualidades, o livro de Marcelo Ridenti planta-se com firmeza entre as poucas obras de todos os gêneros que oferecem ao futuro as visões indispensáveis para a compreensão do fenômeno instigante de um capítulo da luta socialista que já comemora um quarto de século.

FILHO, João Roberto Martins. Resenha de: RIDENTI, Marcelo. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo: Unesp/Fapesp, 1993, 285p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p.169-170.

Palavras-chave: Luta armada; Ditadura; Revolução.